

Desejos, Conflitos e Preconceitos na Constituição de uma Travesti no Mundo da Prostituição

Desires, Conflicts and Prejudices in the Formation of a Transvestite in the World of Prostitution

Paulo Reis dos Santos

GEISH - Grupo de Estudo Interdisciplinar de Sexualidade Humana
Faculdade de Educação - UNICAMP
re_pare@yahoo.com.br

Resumo

Através da análise da biografia de Denise Martins, procuro desvendar os mistérios da transformação corporal do menino, do adolescente e a incorporação da identidade travesti, através da utilização de meios definitivos para a montagem do corpo. Assim, compreendemos que a construção social e sexual das travestis, no âmbito do feminino, são relatadas desde a infância, por elas, como uma inadequação à heteronormatividade. Procuro abordar a relação familiar, a escola, a rua, os conflitos internos de seus desejos, sua inadequação social, transformação corporal e sua vinda para Campinas/SP, a relação com outras travestis e prostitutas do Jardim Itatinga. O que vislumbramos são diversos olhares e discursos a respeito do universo da travesti, que se prostitui, e a crítica explícita que Foucault realiza ao discurso biologizante, apontado em alguns estudos.

Palavras-Chave: Travesti; Gênero; Sexualidade; Prostituição.

Abstract

Through the analysis of Denise Martins' biography, we aim to unveil the mysteries of the boy and adolescent's body transformation and the incorporation of the transvestite identity, using definitive means to build the body. Thus, the social and sexual constructions of the transvestites towards the feminine, are reported by them, since their childhood, as an inadequacy to the heteronormativity. We address the relationships in the family, the school, the street, the inner conflicts of their desires, their social inadequacy, their body transformation, their arrival in Campinas/SP and the relationships with other transvestites and prostitutes of Jardim Itatinga. What we could see were several perspectives and discourses related to the universe of the transvestite in prostitution and an explicit critic to the biological discourse that Foucault made in some studies.

Keywords: Territory; Identity; Homosexuality.



Como que ce fala
Que eu tou fadada
A ser um monstro
Que eu não sou?
(...)

Como que ce fala
Que sou praga
De urucubaca
Se eu não sou?
(...)

Viu!
A praga pregou
E não desprega mais!

Praga
Dante Ozzetti e Luiz Tatti

Este artigo é a compilação de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado, cujo título é 'Entre necas, peitos e picumãs: subjetividade e construção identitária das travestis do Jardim Itatinga', onde procurei analisar a constituição das travestis que se prostituem na cidade de Campinas, defendida no GEISH – Grupo de Estudo Interdisciplinar de Sexualidade Humana da Faculdade de Educação da UNICAMP, em fevereiro de 2008.

No início de 2000, eu era coordenador de comunicação do IDENTIDADE - Grupo de Ação Pela Cidadania Homossexual e estávamos estruturando o site da ONG. Na reunião de pauta, sugeri uma matéria sobre as travestis da cidade de Campinas e me falaram de uma tal Denise, a qual morava no Jardim Itatinga, maior zona de meretrício da América Latina e que tinha um trabalho com as travestis da cidade.

Consegui seu contato telefônico com o pessoal do Programa Municipal de DST/AIDS. Liguei e marcamos uma conversa num final de tarde. Não a conhecia pessoalmente, lembro-me ter ficado impressionado com sua presença e seu discurso coerente, de alguém que sabia seu lugar na sociedade e cobrava, para si e para os demais, o respeito que todo cidadão merece de seus governantes e semelhantes.

Denise me conta que era o quarto filho entre nove irmãos e que, quando criança, em Goiânia, tinha muitos amigos, mas se sentia discriminado na escola, pelos seus colegas, por causa de seus modos femininos e, naquela época, não entendia o que se passava. Disse também, que seus irmãos o agrediam, chamando-o de mulherzinha, bichinha ou de veadinho. Ele, assustado, pois não sabia do que a estavam chamando, nem o que aquelas palavras significavam:

Denise - (...) tive uma briga muito séria com um irmão que me chamava de bicha e eu nem mesmo sabia, não entendia direito o que estava acontecendo comigo. Eu não tinha atração por nenhum outro menino, ainda nessa época. Não sentia atração. Tinha comportamentos femininos como todo homossexual na infância e adolescência. Mas, na verdade eu não sabia ainda de toda essa maratona que eu ia pegar pela frente (...) e foi um conflito muito grande porque eu... eu não me re-

lacionava bem com meus irmãos. Porque achava que eles não tinham que ter essa atitude (...) porque eu não fazia nada, não namorava com ninguém, com nenhum rapaz..., não sabia nada direito (...) tinha até umas pretendentes na escola, as meninas queriam namorar comigo! (IDENTIDADE, 2003).

Percebemos assim, que o poder não atua simplesmente oprimindo ou dominando as subjetividades, mas operando na sua construção. Desta forma, devemos vincular o caráter formativo ou produtivo do poder, ao mecanismo de regulação e disciplina que ele instaura e procura conservar. No caso do menino A. Martins (nome de batismo de Denise), vemos aí um corpo infantil sendo sujeitado pela ação do dispositivo da sexualidade, que, para Foucault, é o dito e o não dito que normatiza a sexualidade e estrutura o desejo. Através das expressões mulherzinha, bichinha, veadinho, a subjetividade desse sujeito será o efeito dessa violência prévia.

As técnicas sociais disciplinares, aplicadas neste caso, focavam apenas, de forma violenta para uma criança a sua construção identitária a partir de seu sexo biológico. Mas a tecnologia empregada socialmente, para corrigir o incorrigível, acaba por reforçar o estigma da diferença em relação aos outros meninos de sua idade. A criança resta experimentar este jeito estranho, propriamente dito, como uma inadequação ao meio social, mesmo quando este menino não sabe como um homem ou uma mulher fala, senta, anda ou carrega os seus cadernos.

A família, a escola e a sociedade em geral vão sujeitando o indivíduo para que ocupe o lugar - de homem ou de mulher - que lhe cabe no meio social. Dentro desta lógica, estrategicamente, os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, assim como os brinquedos, os jogos eletrônicos, cinema, música, etc., formam um conjunto de procedimentos pedagógicos que vão educando, subliminarmente, meninos e meninas a incorporarem os gêneros masculino e feminino. Desta maneira, naturalmente, vamos reconhecendo o eu e o outro, aquele diferente de mim, no qual inscrevo todas as marcas das diferenças daquilo que me constitui como sujeito, onde eu me reconheço como o normal e o outro o anormal.

Se for a partir da constituição biológica que se criam e se constituem os gêneros masculino e feminino, problematizar o corpo como algo produzido na e pela cultura lança-nos a novas perspectivas analíticas, pois rompe com sua naturalização, colocando-o como objeto de estudo que pode ser observado, analisado, classificado, explicado e tratado.

Dentro desta linha de raciocínio, discutindo o pensamento de Judith Butler, Bento (2006, p. 90) nos diz que:

O gênero adquire vida a partir das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo. Essas infundáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para a sua existência a crença de que são determinados pela natureza.

Voltando a A. Martins, foi na adolescência que começou a sentir atração pelos outros rapazes. Com 15 ou 16 anos de idade, ele foi trabalhar com uma senhora que fazia artesanato e vendia seus produtos na feira, ainda em Goiânia. Neste momento, seus sentimentos internos se definiram, dando espaço para a homofobia internalizada, que segundo Pereira & Leal (2007, p. 108):

(...) é a sensação de vergonha face à perspectiva de ser identificado como gay (...). Esta sensação de vergonha pode ser o resultado do confronto com possíveis ameaças externas e internas e o bem-estar emocional do indivíduo vai depender da maneira como ele as gere.

A nossa racionalidade sobre sexo é subjetivada por medos, preconceitos, mitos e moralismo cristão. Nossa cultura nos diz, cotidianamente, que qualquer comportamento sexual fora do padrão heteronormativo, ou seja, fora das regras que normatizam a heterossexualidade como modo 'correto' de estruturar o desejo, é marcado pelo signo do desvio, ausência de higiene e pecado. Em outras palavras é uma doença:

Denise - Então assim... e pra mim foi complicado, porque aí foi, pra mim... a revelação de mim mesmo, né? Agora já era eu mesmo querendo me crucificar, me condenar, porque eu sentia atração por outros meninos. Já não eram os meus irmãos, era eu mesma, assim, num conflito pessoal. Essa mulher que eu fazia artesanato com ela (...) ela me encaminhou para um psicólogo e eu fiz tratamento de um ano, com esse psicólogo, e com o passar do tempo eu fui deixando a terapia e fui descobrindo que não tinha nada de errado comigo. (IDENTIDADE, 2003).

Todo conhecimento e experiência com a loucura, organizados no decorrer do século XIX, proporcionaram no início do século XX, à psiquiatria, know how suficiente para enquadrar os desvios da norma heterossexual, não mais como crimes e sim, como doença, dessa forma, sendo doentes, o pederasta, o sodomita ou uranista não eram mais culpados por suas transgressões.

Em 1869, na Alemanha, o escritor Karol M. Kerbeny definiu e diferenciou as práticas homossexuais e heterossexuais. Essas definições foram apropriadas pelas ciências médicas e jurídicas fazendo surgir a figura clínica do 'homossexual', instaurando assim, a homossexualidade como categoria científica.

Trevisan (1986, p. 109) nos relata que, em 1938, o:

(...) médico-legista Leonídio Ribeiro [publicou em Etiologia e tratamento da homossexualidade, que a mesma] passou então a ser estudada à luz da ciência, verificando-se que se tratava de uma anomalia caracterizada por uma preferência, do ponto de vista sexual (...) que um indivíduo manifesta de modo ativo, passivo ou misto, por outro indivíduo do mesmo sexo

(...) as práticas de inversão sexual não podiam continuar a ser consideradas ao acaso, como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar, na maioria dos casos, de indivíduos doentes ou anormais, que não deviam ser castigados, porque careciam, antes de tudo, de tratamento.

Enquanto Bento (2006, p. 45), comentando Austin sobre o poder da linguagem em criar realidades, nos diz que:

(...) é necessário apontar que a linguagem não tem somente a função de descrever a realidade, devendo ser compreendida como uma modalidade produtora de realidades. No caso da linguagem científica, a tarefa de desvelamento dessa função é consideravelmente complexa, pois sua eficácia consiste na ideia da suposta capacidade da ciência em descrever uma dada realidade de forma neutra.

Essas considerações, levam-nos a refletir sobre o discurso médico e os efeitos de verdade que ele possui. Apesar do estigma social da homossexualidade, o terapeuta que cuidou de A. Martins, instrumentalizou-o para viver plenamente seus desejos, eles quais fossem. Esta nova postura transformou algo em seu interior e ele não pôde mais sufocar inteiramente seu desejo sexual:

Denise - Não, o psicólogo me deixou à vontade ele me deixou ... assim (...) me fez compreender que não tinha nada errado comigo, né. Que havia alguma coisa errada com as pessoas que não me aceitavam da maneira como eu era. Ele me ajudou muito, acho que ele não vai saber disso nunca, coitado! Mas ele me ajudou bastante. Eu fui largando a terapia no decorrer do que eu fui percebendo que eu estava amadurecendo em cima daquilo, em cima do meu comportamento; trabalhando na feira eu conheci rapazes e achava até interessante sentir atração por eles (IDENTIDADE, 2003).

A experiência sexual humana, assim como sua expressão, é constantemente transformada, tanto social quanto individualmente. A transitoriedade dos significados sexuais é intrínseca a um processo, fluído e flexível, experimentado por indivíduos ou coletividades. Nossas escolhas ou opções situadas neste processo estão atreladas a diferentes sistemas culturais e são, simultaneamente, formadas e moldadas por relações de poder.

Portanto, foi em meio à sua clientela da feira que A. Martins encontrou um outro sentido para sua sexualidade. Ali mesmo, no cenário cotidiano de sua vida e, assim começou a desembaraçar os fios que iriam tecer a trama de sua nova existência:

Denise - (...) eu me lembro dessas fantasias assim, eu fantasiava muito a sexualidade porque eu não tinha ninguém pra conversar comigo, me explicar as coisas e eu

fui aprendendo muito que a pulso [à força], né? Tudo o que eu aprendi foi a pulso. Eu encontrei, vendendo artesanato na feira ... Um dia eu estava lá e apareceram dois travestis e os dois se beijavam, se beijavam e eu não entendia nada, porque eles estavam os dois no papel feminino e se beijando, eu não entendia, não entendia nada (...) e eu tentando encontrar o masculino e o feminino, né? E eu não conseguia achar, mas esses travestis (...) eles, eles acabaram me ajudando porque eles deixaram o endereço, compraram da minha mercadoria e deixaram o endereço. Falaram que eu tava perdendo tempo lá, vendendo artesanato, que eu poderia ganhar muito mais. E eu menino, mas o meu cabelo já estava assim crescendo e tal, mas assim, num tinha traço nenhum de mulher assim, era um rapazinho, um garoto. E foi aí que eu fui conhecer a casa desses travestis. Lá eu vi eles se arrumarem, se vestirem, se produzirem, entendeu? E nasceu assim esse desejo, né? Foi nascendo o desejo. Foi aí que começou a confeccionar na minha mente essa questão do travesti. Eu já estava com 17 para 18 anos. E esses travestis... um dia ficou combinado que eu ia lá e eles iam me arrumar pra eu sair com eles (IDENTIDADE, 2003).

Ao dar vazão para seus impulsos secretos, A. Martins descobre uma nova possibilidade identitária, até então, desconhecida. A partir daí, não se sente mais inapto para o convívio social e ao vislumbrar o seu lugar, liberta-se! Podemos ressaltar, de acordo com Guattari (1981, p. 36), que Denise, ao se desligar:

das disputas fálicas, inerentes a todas as formações de poder [se engajou] segundo [as] modalidades possíveis, num tal devir mulher (...). De modo mais geral, toda organização "dissidente" da libido deve assim compartilhar de um devir corpo feminino, como linha de fuga do socius repressivo, como acesso possível a um "mínimo" de devir sexuado, e como última tábua de salvação frente à ordem estabelecida.

Passado o impacto inicial, resta-lhe, entretanto, reelaborar novos significantes que deem sentido à sua vida e a seus sentimentos em relação a sexo e sexualidade, portanto há uma obra a ser elaborada com o que resta de suas convicções e certezas.

O jovem A. Martins depois de relutar, visita as travestis e se deixa produzir. Vestem-no de cor de rosa, vão para o ponto e, assim entra no carro do cliente pensando que iria fazer o papel feminino. Mas ao contrário do esperado, assusta-se quando tem que fazer o papel de ativo. Chocado abre a porta do carro e foge, gritando: 'quem ele pensa que é para agarrá-lo daquele jeito?'. Suas novas amigas atestam sua inadequação à prostituição e o aconselham a continuar com o artesanato.

A partir de então, ele vai aprender, com seus novos amigos, as possibilidades da mutação física permitida por toda a engenhosidade humana. Seu corpo se transforma num

esquema de causa e efeito, para causar o desejo no outro, mediante a construção de uma nova imagem de si mesmo.

Este processo de transformação engloba a assimilação de uma nova cultura que, além da linguagem corporal e gestual, significa embrenhar-se, também, pela linguagem codificada a partir dos cultos religiosos afro-brasileiros e, especialmente termos vindos do ioruba-nagô, utilizada de norte a sul do Brasil, conhecida como bajubá, pajubá ou bate-bate, como também observou Benedetti (2005, p. 103), entre as travestis de Porto Alegre; Silva (1993, p. 78) na Lapa, no Rio de Janeiro e Pelúcio (2005, p. 217) em São Carlos, interior do estado de São Paulo (assim como entre as entrevistadas para minha dissertação de mestrado, em Campinas em 2006). A. Martins vai se constituindo, simultaneamente no coletivo e no individual, como um novo sujeito.

O corpo é o locus a partir, do qual o indivíduo expõe publicamente sua intimidade, e também é nele que exibimos nossa transformação causada pelos signos do grupo social ao qual pertencemos.

Numa sociedade massificada como a nossa, pertencer a um grupo social como os punks, gays, patricinhas, executivos, funkeiros, doutores universitários, etc. exige que incorporemos signos – roupas, gestos, dialetos, etc. – que nos remetam ao coletivo, onde nossa individualidade é marcada pela performance pessoal e a qualquer momento é possível medir o ineditismo de nossa singularidade e individualidade:

Denise - Então, aí a mudança do corpo se deu... na minha opinião o corpo, ele foi assim a minha ferramenta de trabalho... os seios... o quadril... os cabelos longos... eu acho que isso foi ferramenta de trabalho. Assim como o pedreiro tem a sua pá, a sua colher para confeccionar a casa, eu tinha aquilo como ferramenta, os seios o cabelo muito luxuoso... um corpo muito bem cultuado... porque na prostituição eu tinha um corpo muito bem cultuado para atrair e seduzir a clientela. (IDENTIDADE, 2003).

O exercício de se construir e se constituir como um novo sujeito, para uma travesti, significa vigiar exaustivamente tudo em si que foge do padrão visual do feminino: cabelos, unhas, seios, nádegas, barba, etc. Tudo o que o espelho mostra de masculino neste corpo e que não pode ser eliminado tem que ser escondido. Em minha convivência com as travestis do Jardim Itatinga era comum vê-las com pinça nas mãos lutando contra o 'chuchu', ou barba.

As travestis realizam, continuamente, um investimento sobre seus corpos, através de roupas, cabelos, adornos, perfumes, tatuagens, cosméticos, próteses, implantes, plásticas, modelagens, dietas, hormônios, lentes de contato, etc., o que lhes confere o caráter performático de gênero. Utilizando todos esses artifícios e tecnologias, esses sujeitos estão longe de serem identitariamente estáveis e definidos.

A experiência da travesti perde suas marcas exóticas, se consideramos que ela é a beneficiária e tributária de toda uma tecnologia que não foi criada primeiramente para ela e que a ela chegou residualmente:

Pesquisador - Você colocou silicone?

Denise - Coloquei, tomei hormônio durante muito tempo, durante esta época...

P - O silicone que você colocou foi prótese ou líquido?

D - Nos seios prótese e no quadril, líquido!

P - Você sabia dos riscos?

D - Sabia, sabia dos riscos, porque assim era comum naquela época, hoje assim é... a população de travestis ... ela está assim ... Como é que eu vou te falar... na época em que eu me assumi, a população era maior de travestis ... a Aids, a violência, o preconceito e a discriminação tiraram de circulação muitos travestis, muitos, né? Então hoje é uma geração totalmente nova. (IDENTIDADE, 2003).

Entre os dias 19 e 23 de setembro de 2003, realizamos algumas oficinas no Centro de Referência GLTTB, dentro do Projeto de Redução de Danos no Uso de Silicone Líquido e Hormonioterapia na População de Travestis e Transsexuais do Município de Campinas, efetivado em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, com cerca de 30 travestis da cidade, para conhecermos o processo de reconfiguração do corpo masculino em um corpo de travesti. De comum acordo, criamos uma personagem fictícia, Márcia X, e sua vida foi recheada com as experiências e relatos ouvidos.

No geral, a transformação corporal inicia-se com a ingestão de hormônios femininos e é nesse estágio também que a travesti aprende a utilizar o Pirelli para acentuar suas formas corporais femininas. Assim, assimilando os macetes da rua e decide se bombear, as companheiras lhe indicam uma bombadeira, que lhe aplica o silicone com uma agulha de uso veterinário.

O conhecimento leigo sobre as tecnologias de transformação corporal, praticadas pelas travestis, lhes proporciona o acesso a novos domínios sexuais, éticos e estéticos. Além da intensificação e da descoberta de novas possibilidades anatômicas, multiplica-se as probabilidades do humano esculpir-se. Assim, as travestis cotidianamente travam uma luta renhida contra a natureza biológica masculina e, ao soterrar o homem em si mesmas, instigam o florescimento da natureza feminina em seus corpos.

O novo ser que surge, performativo, a partir da reconfiguração do corpo masculino, coloca a travesti à margem da norma, recobrando-o de novos signos desafiadores para a 'boa sociedade'. Ser travesti é resistir, constantemente, às normas da cultura oficial e às Leis da Natureza.

Os apelidos, pseudônimos ou 'nomes de guerra' femininos são comuns entre as travestis, assim como cabelos cumpridos, unhas pintadas e maquiagem, ajudam a definir uma identidade que corresponda à imagem padrão, às vezes hiper-realista da mulher. Segundo Garcia (2000, p. 94):

(...) o prenome, normalmente, está no mito de um artista famoso, conhecido. Assim, a fábula do encantamento pede passagem para um universo lúdico. Numa reforma analógica, a substituição radical do

nome auxilia a construção imaginária de uma outra identidade, manifestando sua representação simbólica.

Numa de minhas idas ao Jardim Itatinga, procuro confirmar a informação de que o nome das travestis é dado por uma 'madrinha' e Denise me diz que, antigamente era a cafetina quem batizava as mais novinhas, me conta que ela já o fez inúmeras vezes.

Denise - E aí fazia às vezes em tom de brincadeira. Eu lembro de uma vez que a gente tava comendo e... sabe aquele molho da salada? Quando sobrou aquele molhinho da salada eu peguei e joguei na cabeça dela assim, eu te batizo com o nome tal. Entendeu como é que é?... Mas hoje em dia a escolha é muito especial, hoje em dia, as meninas se assumem muito mais novas, né? (Caderno de campo, 12/8/2006).

Mais adiante ela me confidencia que quem a batizou foi sua irmã caçula e que se sente feliz com esse nome. Chega à Campinas em 1986, fica uns seis meses, já no Jardim Itatinga, em uma casa onde só havia mulheres, se prostituindo. Retorna para Goiânia e volta definitivamente, para se instalar na cidade. E, para sobreviver ao Jardim Itatinga, Denise, a outsider, teve que desvendar o diagrama e os códigos que regem as relações entre profissionais do sexo da cidade e deste bairro:

P - E aqui no Itatinga, como é que era?

D - Aqui era assim, tinha umas travestis que faziam ponto numa esquina aqui da rua, todas eram de uma casa só, que era de uma travesti chamada Neuza. E essa travesti era uma travesti muito considerada aqui no bairro, respeitada pelas pessoas, pelos... todo mundo do bairro e aí essa travesti, logo assim, um tempo depois que eu cheguei, ela foi pra França, ficou pra lá uns dois anos. Só depois que ela voltou. Então, as travestis dessa casa eram as donas do ponto. Eu morava numa casa, inclusive pelo fato de eu fazer, eu ficar nesta casa só de mulheres e eu ficar no portão, fazer sala igual às mulheres, fazer o horário da casa, essa coisa de boate lá, elas não gostavam muito de mim. Elas achavam que eu era muito assim... né? esnobe e coisa e tal! Mas não era isso, é que naquela época eu não conhecia a... eu tinha vindo há pouco tempo pra essa vida de prostituição, eu tinha saído pela primeira vez da casa dos meus pais...

[Silêncio ...].

P - Ta, mas você morava numa casa que tinha só mulheres...

D - Eu morava, mas...

P - Era tranquilo?

D - Era tranquilo, só tinha eu de travesti lá na casa.

[...]

P - No geral, como é que era? Ta... aí o cara chega, ele

não reconhece você, ele não reconheceu como travesti. Como que ele reagia quando ficava sabendo que não era uma mulher? Que não tinha uma buceta?

D - Ah! Ele ficava decepcionado, aí ele dizia que não era o que ele queria e tal. Tinha uns que pagava a conta e ia embora, não queria nenhuma menina que você colocasse lá... e coisa e tal.

P - Não rolava nenhuma violência?

D - Não, não, comigo nunca rolou não! Mas, muitas vezes, quando eu faturava assim, quando eu ficava na rua, por exemplo, o cliente levava até no motel. Só que no caminho do motel ele ia conduzindo o diálogo e aí quando ele perguntava se eu tinha filhos, se eu já tinha sido casada é que eu percebia que ele tava... pensando que eu era mulher. Aí eu tinha que contar e às vezes voltava, muitas vezes voltava. (Caderno de campo, 5/4/2006)

A heteronormatividade induz ao preconceito e à discriminação contra o diferente, legitimando-os, através de padrões culturais que explicitam hierarquias e moralismos. A desqualificação e o desrespeito social impostos ao diferente ferem profundamente a dignidade do outro, causando, muitas vezes, além da dor, atitudes de revolta. Muitas atitudes preconceituosas, discriminatórias e violentas em torno do que é entendido como sexual, para as travestis, tendem a ser naturalizadas e, muitas vezes, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências. Um exemplo disto é o processo de reconfiguração do corpo, ou a aplicação de silicone industrial com agulhas de veterinário, por meio de dezenas de agulhadas para se fazer um peito ou uma bunda.

Culturalmente, as práticas eróticas são sancionadas socialmente e organizadas em torno do que se instituiu como comportamento 'normal' do indivíduo. Assim, o anormal será sempre a referência institucionalizada para se tratar com o estranho. Ser ou não ser normal tem a ver com a nomeação das identidades aceitas coletivamente, e, para um indivíduo é sempre um temor ter uma identidade desqualificada pelos outros.

Desta maneira, os indivíduos normais têm um valor moral e prestígio social que lhes garantem o gozo do direito de ter sua integridade física e sua dignidade de pessoa humana preservadas. Para as travestis, que estão fora deste padrão ético e moral de normalidade, restam apenas os desmandos e arbitrariedade.

As percepções coletadas, entre minhas entrevistadas em Campinas, apontam a falta de oportunidade de trabalho, de alternativas de lazer e a grande vulnerabilidade à violência, o que se traduz na morte precoce de tantas adolescentes. De fato, os estudos realizados por Denizart (1997) entre as travestis do Rio de Janeiro; Benedetti (2005) em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul; Silva (1993) na Lapa, no Rio de Janeiro, Oliveira (1994) no pelourinho, em Salvador, Bahia, Pelúcio (2005) em São Carlos, interior do estado de São Paulo e Peres (2004) em Londrina, no Paraná, nos dão conta do grau de violência sofrida, diariamente, e que é naturalizada, invisibilizada e sancionada pela heteronormatividade.

A acentuada vulnerabilidade às várias facetas da violência aparece, claramente, no relato de Denise Martins sobre seu processo de assujeitamento às condições de vida na zona e na cidade de Campinas:

Pesquisador - Mas a relação com a polícia naquela época?

Denise - Naquela época você não podia ficar parada no centro da cidade, a polícia não deixava. Tinha um preconceito tão grande contra travesti que eles vinham, enchiam o camburão e levavam todo mundo pro distrito. Às vezes você chegava lá e não tinha, não tinha assim, nenhuma ordem do delegado ou da delegada naquela noite pra levar travesti lá. Muitas vezes, nós estávamos lá sentadas, a delegada tinha vindo de outra ocorrência e a delegada falava assim: - 'Mas quem trouxe essas pessoas pra cá? Porque trouxe essas pessoas pra cá?' Era só porque eles passavam na rua, via a travesti e levava... Aí eles desciam, eles batiam, eles não podiam ver a gente que mandavam a gente andar, circular - 'não pode ficar parada aí'. Descia e revistava a bolsa da gente com violência muitas vezes.

P - E aqui no Jardim Itatinga?

D - Aqui no Jardim Itatinga, também era a mesma coisa, eles davam batida nas travestis, muitas vezes... Tinha um posto de gasolina, ainda tem, e as travestis iam lá pra esse posto, eu me lembro que muitas vezes a polícia ia lá pra bater nelas, eu me lembro de eu na casa fazendo ponto e a polícia batendo na travesti na frente da casa e eu lá na sala, sentadinha, assistindo televisão. E eu podia fazer o quê? Nada! Ia apanhar também se eu fosse lá, muitas vezes...

P - E eles não mexiam com as mulheres?

D - Não, a polícia pegava as travestis e levava lá pra Joaquim Egídio, pra Souza [Distritos afastados da cidade de Campinas, zona rural] e largava lá pra voltarem a pé. Outras vezes eles largavam elas peladas, tiravam tudo, as roupas delas, mandavam elas tirarem as roupas, ficarem despidas. Depois que elas apanhavam bastante, porque eles batiam bastante primeiro e depois deixavam lá.

P - Mas porque eles batiam?

D - Porque elas tavam trabalhando no centro.

P - E as daqui do Itatinga?

D - Porque eles traziam as do centro pra cá, colocavam no Itatinga e diziam 'aqui que é o lugar de vocês'. Mas, muitas vezes, eles levavam as travestis daqui também pra delegacia e tudo, mas daqui do bairro sempre eles toleravam, aqui eles toleravam mais. (Caderno de campo, 5/4/2006)

O estudo realizado por Peres (2004), vem ao encontro de nossos anseios, no sentido de mostrar que simbólica ou real, as diversas facetas da violência terminam por provocar a perda da consciência dos direitos e deveres dos cidadãos.

Ela deixa a casa em que morava no Jardim Itatinga e se transforma numa profissional do sexo autônoma. Assim, vai morar em vários bairros, inclusive com a família de um namorado, cuja mãe era profissional do sexo e trabalhava na zona, o que contribuiu para sua aceitação neste novo lar.

Tempos depois, numa crise existencial, Denise - a travesti e seu corpo abjeto - vê-se como um ser anormal e olhando para si não se reconhece como 'um filho do Senhor'. Sente então que abandonou 'as hordas do Pai Eterno' e se vê como um ser pecador. Com a auto-estima solapada, a religiosidade encontra em seu âmago um campo fértil onde faz germinar suas sementes. Num mundo sem sentido e desesperançado surge, ou ressurgue, em Denise, a religiosidade judaico-cristã:

Denise - Teve uma época que eu coloquei umas travestis pra morar comigo porque elas eram todas usuárias de drogas e portadoras do vírus HIV. Então, umas muito debilitadas, eu coloquei pra morar comigo e ficou morando por muito tempo. Então, isso começou em 91, 92, 93, mais ou menos, quando eu aluguei uma casa e fui morar com essas travestis que eram portadoras do vírus HIV e fui cuidar delas. Foi quando começou a minha militância na questão da Aids. Aí eu comecei a fazer treinamento, em 90, quando criei o Programa Municipal de DST/Aids. Os primeiros funcionários que foram atuar nesse centro, eu fui fazer o treinamento junto com eles, aí foi quando eu me sensibilizei com a questão da Aids. Aí, quando eu aluguei essa casa, as travestis vieram morar comigo. (Caderno de campo, 5/4/2006)

A Aids chega ao Brasil, em meados da década de 80 e no início dos anos 90, ela se alastra, deixando um rastro de morte e violência contra os grupos estigmatizados, tidos como de risco para a infecção e disseminação do vírus: homossexuais masculinos, profissionais do sexo e hemofílicos. Nesse sentido, ela se engaja na assistência às travestis doentes e, assim, seu trabalho encontra um eco no discurso religioso. A Pastoral da Mulher Marginalizada, que já atuava no Jardim Itatinga, abre as portas da Igreja Católica Apostólica Romana e Denise, então, vai ressignificar sua vida ajudando a outras travestis, vítimas do vírus HIV.

A esse respeito, Butler nos diz que:

o sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes. (2003, p. 209)

Esse novo sujeito que surge a partir desse encontro, entre Denise/Igreja Católica/HIV/AIDS, não cabe mais nas formas corporais feminilizadas da travesti. Ele entra em choque com sua identidade de gênero, tão duramente conquistada, e não se reconhece mais naquele corpo. Instaurado o conflito, esse sujeito necessita novamente reconhecer-se e anseia por uma identidade, outra que seja reconhecida, valorizada e aceita socialmente. Olha para si e se desqualifica, mais uma vez

a homofobia internalizada ressurgue, como se uma travesti não tivesse direito a uma cidadania plena, e fosse merecedora do castigo divino.

Nesse momento, instala-se um novo conflito: formas corporais feminilizadas, peitos, bunda, cabelos cumpridos e pênis se chocam com a desqualificação social e discriminação sofridas nos postos de saúde, onde levava as travestis doentes. Internaliza a agressão externa e se desestrutura enquanto que o discurso religioso contribui para essa não aceitação. Após o impacto inicial, ela busca retomar sua vida e seu nome original. Despe-se, ou pelo menos tenta, da Denise travesti e reassume sua identidade original de A. Martins.

Com os cabelos cortados bem curtinhos e roupas masculinas ela se sente mais respeitada nos ambientes médicos. Agora ela consegue acompanhar as travestis, conversar com médicos e dar uma melhor assistência às enfermas.

Dizendo que somente o amor cura e que se sente impressionado com o despojamento de certas pessoas em favor do semelhante desvalido, o padre José Antonio Trasferetti escreveu para a Revista de Cultura Vozes um artigo que dedica 'ao travesti Denise e à Pastoral da Mulher Marginalizada por sua dedicação aos excluídos'.

O travesti Denise que mora no Jardim Itatinga contou-me que a sua fé em Deus o tirou da sarjeta. Antes de se encontrar com Deus sentia-se desprezada, caído na rua, sem esperança. Hoje, ele se sente gente, é uma presença de Deus para seus irmãos travestis. Oferece cursos de formação, leva-os ao médico, defende da polícia, ajuda a fazer suas compras, limpa suas chagas quando chegam machucados... (1998, p. 145).

É interessante notar que, tanto na fala de Denise em sua entrevista ao pesquisador deste trabalho, quanto no texto impresso do padre Trasferetti, não há uma definição clara para o uso do artigo definido antes do substantivo 'travesti' por parte dos dois. Num momento tratam 'a' travesti, no feminino, e logo a seguir 'o' travesti, no masculino, enfatizando a ambiguidade que reside nestes sujeitos, ou por não saber o seu lugar social.

Pesquisador - Então, aí, você se afasta da família, da Igreja e não sei mais quem e a Denise era um ser sozinho...

D - Não era sozinho porque eu já falei pra você que Deus era muito presente na minha vida...

P - Sim, mas quando você tem seus amigos, seus familiares, você tem isso em torno de você, você tem um conforto emocional, por mais que você leve umas porradas, uns tapas na cara, tem um colo pra você chegar e chorar... Então, como é que é hoje pra Denise, quando você leva umas porradas, com quem você chora?

D - Como eu sempre tenho que ser forte por conta de quem está a minha volta, eu não tenho com quem chorar, essas pessoas pra desabafar...

P - Quer dizer que a Denise não tem fragilidades?

D - Não, eu sou frágil, tem coisas que me magoam, me

destroem, hoje, apanhar da polícia, quando eu apanhava, dóia mais porque eu não entendia, e hoje quando eu me lembro, não me dói tanto porque eu entendo, antes eu não pensava nessa questão do machismo, da exclusão. (Caderno de campo, 5/4/2006).

Sabemos que a prostituição é colocada como a única alternativa de trabalho por algumas travestis e que o Jardim Itatinga é o seu espaço privilegiado. Procurei aqui, traçar um perfil da travesti Denise. Ela é um sujeito complexo: um ser feminino num corpo masculino reconfigurado. Segundo sua fala, é constantemente confundida com uma mulher por causa de seus modos, não se diz cafetina, mas batiza as novas travestis que chegam até sua casa, também, às vezes, afirma que não sofreu violência policial, mas apenas assistiu pela janela as outras travestis apanhando. Contraditória, acolhe, protege, batiza e ensina jovens travestis a construir seus corpos, seu gestual e muitas vezes a se vestir e maquiagem, enfim, a viver principalmente, no mundo da prostituição (atividades típicas de uma cafetina de tempos remotos).

A partir da realização, em 2003, do projeto Cidadania na Pista, Denise se aproximou da militância LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) da cidade e, em 13 de novembro desse ano, foi eleita Coordenadora de Travestis e Transexuais do grupo IDENTIDADE. Ela trabalha, há muito tempo, com Direitos Humanos, mas sobrevive a partir da prostituição, própria e/ou de outras travestis. Assim, quando falamos da constituição de um indivíduo, não podemos tratá-lo isoladamente do contexto social em que vive:

Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, de regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno e externo e, assim, institui a "integridade" do sujeito. (BUTLER, 2003, p. 194).

Denise conheceu Adriana numa das primeiras casas em que morou, no Jardim Itatinga, tornaram-se amigas, companheiras e confidentes. Após a morte de Xandinha Brasil, assassinada numa das ruas do Bosque dos Jequitibás em 2004, ela assumiu a administração da casa da Adriana (que, acusada da morte de Xandinha Brasil, abandonou a cidade) afirmando que nos dias em que estive por lá, abrigava em média dez travestis por dia. Esse número de moradoras é flutuante, pois as mesmas chegam, ficam uns dias e vão embora, de acordo com as possibilidades do mercado prostitutivo, quer dizer, elas vão para onde há maior possibilidades de lucro, ou são expulsas por algum problema causado.

Ao explicar sobre sua atuação me contou:

Denise - A minha ideologia é de acolher, recolher, valorizar, incentivar, estar aconselhando e tal, mas a da cafetina não é. Então aqui, por exemplo, eu tomando conta da casa, não dessa daqui, porque aqui eu moro

sozinha, umas [travestis] que vêm aqui são minhas colegas e amigas e tal. As meninas, eu estou incentivando e falando e tal, de repente aconteceu um problema que nem eu estou sabendo... a dona da casa sabe, ela liga e fala: Denise, manda a fulana embora. No dia anterior eu tava lá aconselhando, cuidando, passando a mão, alisando e no dia seguinte eu tenho que estar lá mandando embora: Olha a Adriana falou que você não pode continuar, que você fez isso e isso e ela não quer mais... E hoje tem aquela coisa da cafetina falar assim: vai embora da cidade, não é só vai embora da minha casa, é ir embora da cidade, você não pode ficar mais na cidade, entendeu? (Caderno de campo, 5/4/2006).

No dia 3 de janeiro de 2007, a Coordenadoria de Travestis do IDENTIDADE, realizou um Sarau. O evento contou com a apresentação artística de várias pessoas, travestis ou não. Num dado momento, a voz rascante de Elba Ramalho enche o espaço com a música De volta pro aconchego [Estou de volta pro meu aconchego/ Trazendo na mala bastante saudade/ Querendo/ Um sorriso sincero/ um abraço/ Para aliviar meu cansaço...]. Denise entra trajando um vestido vermelho florido, com a maquiagem borrada, mancando com um sapado de salto na mão e outro no pé, arrastando uma mala velha. Olha no olho de cada um dos presentes.

Ali estão presente todas as Denises, ou todas as pessoas que este sujeito é capaz de encarnar, ou criar, ou imaginar: a oprimida, a despossuída, a desterritorializada, a resistente, a resiliente. Ou quem sabe a Fênix, renascida do lixo humano.

Nas duas oportunidades em que conversamos mais longamente, o seu discurso sobre si deixou frestas para a percepção do quanto idealizada é a imagem que tem sobre si própria: a de uma missionária a aplacar o sofrimento de seus semelhantes. E é deste lugar que ela realiza sua performance, naquele evento. Ela compõe a categoria social travesti, através de sua experiência, seus atravessamentos afetivos, emocionais, erótico, político e mercadológico.

Em seu discurso, destacam-se, a experiência da rejeição familiar, escolar e o prazer do encontro com seus pares na prostituição. Enfim, como todos os sujeitos encarnados, a trama evolutiva de sua vida está inextricavelmente ligada à sua experiência social e pessoal. Assim, nesta perspectiva teórica, ela se torna responsável pelo lugar que ocupa e pelas opções que realizou, desfrutando do poder da criatividade e das escolhas pelo mundo que co-criou.

Notas

- 1 - Em sua Assembleia Geral de 12/11/2004, o grupo alterou seu nome de IDENTIDADE – Grupo de Ação pela Cidadania Homossexual, para IDENTIDADE – Grupo de Ação pela Cidadania de Lésbicas, Gay, Travestis, Transsexuais e Bissexuais, como estratégia de visibilidade para estas identidades sexuais.
- 2 - Denise autorizou por escrito o pesquisador a utilizar o seu nome social neste artigo.
- 3 - Um bairro da periferia da cidade de Campinas, no estado de São Paulo.
- 4 - Daqui para frente, todas as falas de Denise que aparecerem sem referência foram retiradas da entrevista para o site do IDENTIDADE.
- 5 - Atualmente o uso de silicone industrial para injeção nos tecidos não é aprovado pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Contudo seu uso clandestino é amplamente difundido, podendo ser adquirido com facilidade. O silicone utilizado pelas travestis para a modelagem do corpo é de uso automotivo ou farmacêutico. Seu nome técnico é óleo de silicone 47v (dimethylpolisiloxane). É um produto orgânico sintético, com cadeia de carbono intercalada por átomos de silício inerte, não podendo ser metabolizado pelo organismo humano.
- 6 - O Centro de Referência GLTTB (de gays, lésbicas, travestis, transsexuais e bissexuais) é um serviço da Prefeitura Municipal de Campinas/SP. Foi o primeiro serviço público a oferecer apoio psicológico, orientação jurídica e assistência social a esta população no país, do qual sou o coordenador.
- 7 - Anaciclín, Androcur, Ciclo 21, Perlutan (antigamente tomava-se hormônio de vaca, segundo a fala de uma das travestis). Às vezes o uso desses hormônios provoca o crescimento da mama, engorda, incha, causa um desequilíbrio hormonal, irritação, zumbido no ouvido, dores no estômago, eliminação dos pelos do corpo, fraqueza, sono, fome, frio, inflamação na garganta, dor de cabeça, tontura, inflamação no pênis, perda da fome, ou aumento da fome. Algumas travestis presentes nas oficinas declararam que os hormônios as deixam femininas não só por fora, mas psicologicamente também.
- 8 - Espuma no formato de seios, ancas e nádegas usada por baixo das roupas.
- 9 - Ato de injetar silicone líquido no corpo.
- 10 - Indivíduo, geralmente uma cafetina, que injeta silicone líquido nas travestis jovens. Algumas cafetinas obrigam as travestis a se 'bombarem', a colocar silicone industrial nos seios e nas nádegas. Uma financiam a aplicação, outras são as próprias bombadeiras. Este procedimento visa apenas o lucro, tanto nos custos da aplicação em si, quanto na prostituição do corpo modelado.
- 11 - Há dois tipos de silicone industrial: o /1.000, mais denso, e o /350, mais líquido.
- 12 - Cidadania na Pista foi um projeto financiado pelo Programa Estadual de DST/AIDS, cujo foco foi trabalhar a ressocialização de um grupo de 10 travestis durante um ano.

Referências

- BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: II a experiência vivida. (Trad. Sérgio Milliet). 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BUTTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. (Trad. Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHAVES, Antônio. **Direito à vida e ao próprio corpo**: intersexualidade, transexualidade, transplantes. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1994.
- DENIZART, Hugo. **Engenharia erótica**: travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. (Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque). 6ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- _____. **História da sexualidade II**: usos dos prazeres. (Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque). 9ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- _____. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). (Trad. Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GARCIA, Wilton. **A forma estranha**: ensaios sobre cultura e homoerotismo. São Paulo: Edições Pulsar, 2000.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.
- GUATTARI, Felix. **A revolução molecular**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural**. (Trad. Andréa Borghi Moreira Jacinto e Simone M. Frangella). 3 ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 2003.
- OLIVEIRA, Neusa Maria de. **Damas de paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro Editorial Didático da UFBA, 1994.
- PELÚCIO, Larissa. **Na noite nem todos os gatos são pardos**: notas sobre a prostituição travesti. CADERNOS PAGU, vol 25. p. 217 – 248, 2005.
- PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. **A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais**. <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v20n1/v20n1a10.pdf>> Data do acesso: 24 de junho de 2007.
- PERES, Wiliam Siqueira. Violência, exclusão e sofrimento psíquico. In: RIOS, Luiz Felipe (et al.) **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 116 - 122.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. **Protocolo para redução de danos no uso de silicone industrial e hormonioterapia na população de travestis e transsexuais do município de Campinas**. Campinas, SP. 2004.
- SILVA, Hélio. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro:

**Desejos, Conflitos e Preconceitos
na Constituição de uma Travesti no
Mundo da Prostituição**

ro: Relume – Dumará, 1993.

TRASFERETTI, José Antonio. Igreja dos excluídos: pastoral na periferia dos centros urbanos: homossexualismo em questão - retratos desconexos. Rio de Janeiro: **Revista de Cultura Vozes**, vol. 91, nº 4, p. 136 - 154, 1998.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. 1ª ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Recebido em 7 de outubro de 2009.

Aceito em 18 de novembro de 2009.